

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

GIOVANNA TROMBELLI GROSSO

ANSIEDADE INFANTIL NO ÂMBITO EDUCACIONAL: A ORGANIZAÇÃO DO
AMBIENTE ESCOLAR

MARINGÁ
2023

GIOVANNA TROMBELLI GROSSO

ANSIEDADE INFANTIL NO ÂMBITO EDUCACIONAL: A ORGANIZAÇÃO DO
AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso”, do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá.

Orientação: Prof. Dra. Aline Frollini Lunardelli.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Aline Frollini Lunardelli

(Orientadora)

Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Eliana Navarro Koepsel

Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Paula Roberta Miranda

Universidade Estadual de Maringá

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me permitir concluir mais uma etapa na minha vida, por me amparar nos momentos difíceis e me conceder infinitas bênçãos.

Agradeço a toda a minha família, em especial os meus pais Andréia e João Cristiano, por todo amor, incentivo, apoio e paciência durante toda minha trajetória.

Agradeço meus amigos e amigas que me apoiaram, acreditaram em mim e torceram pela minha conquista. As minhas amigas de faculdade, que juntando forças e experiências, percorreram esse ciclo ao meu lado e tornaram esses 4 anos mais leves e divertidos.

Agradeço a professora Dra. Aline Frollini Lunardelli por ter aceitado me orientar, por toda atenção e carinho na elaboração deste trabalho.

Agradeço às professoras Dra. Eliana Navarro Koepsel e Dra. Paula Roberta Miranda por aceitarem fazer parte da minha banca avaliadora e contribuírem para esse estudo.

Por fim, agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha vida, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, não conseguiria chegar até aqui sem vocês.

RESUMO

A ansiedade está cada vez mais presente no comportamento humano, se manifestando por vezes durante a infância e estando relacionada a situações como o ingresso na escola, as avaliações pedagógicas, a socialização com colegas e familiares, entre outros. Nesse sentido, o tema da pesquisa partiu da revisão de literatura sobre a ansiedade infantil, tendo como problema central: Considerando a literatura sobre a temática, de que forma a organização do ambiente escolar pode promover ansiedade nas crianças? Com objetivos específicos descrever as causas da ansiedade infantil; compreender os principais sinais de ansiedade nas crianças; e analisar como o pedagogo, a estrutura e a organização do ambiente escolar podem colaborar para produzir e para minimizar os sintomas de ansiedade infantil, a pesquisa se caracterizou de forma qualitativa através de um procedimento de pesquisa bibliográfica. Para a coleta de dados, foi feita uma delimitação de materiais a partir da relação entre ansiedade infantil e o ambiente escolar em artigos de revistas científicas nacionais encontrados na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), o que levou a escolha de 5 artigos para serem analisados a partir da técnica qualitativa chamada análise de conteúdo. Com relação aos resultados, foi possível entender que a organização do ambiente escolar tem potencialidades na promoção da ansiedade nas crianças através de práticas tradicionais que promovem o medo de vivenciar novas experiências, frustrações e conseqüentemente, sintomas ansiosos. Além disso, concluiu-se que professores pedagogos têm extrema importância para contribuir na construção de planejamentos e aulas que reduzam a ansiedade dos alunos.

Palavras-Chave: Ansiedade; Ambiente escolar; Pedagogia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 A ANSIEDADE INFANTIL DENTRO DO COTIDIANO ESCOLAR ATRAVÉS DE UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DA PEDAGOGIA.....	11
3 METODOLOGIA	16
3.1. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	16
3.2. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	17
4 A ANÁLISE SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O AMBIENTE ESCOLAR E A ANSIEDADE INFANTIL ENCONTRADAS NOS ARTIGOS.....	20
4.1 A CONCEITUAÇÃO DA ANSIEDADE E SUA RELAÇÃO COM OS TRANSTORNOS DE ANSIEDADE.....	21
4.2 AS POSSÍVEIS CAUSAS DA ANSIEDADE INFANTIL.....	23
4.3 A COMPREENSÃO DOS PRINCIPAIS SINAIS DE ANSIEDADE NAS CRIANÇAS.....	26
4.4 A ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR E SUAS INFLUÊNCIAS SOBRE OS SINTOMAS DE ANSIEDADE INFANTIL.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
6 REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

A ansiedade está cada vez mais presente no comportamento humano, como um sentimento de ameaça e medo do que é desconhecido. Alguns pensadores têm se dedicado ao estudo da ansiedade. Dalgarrondo (2000) considera que a ansiedade é definida como um estado de humor desconfortável, uma inquietação e uma apreensão interna em relação ao futuro. Para Bauer (2002), a ansiedade é definida como um sentimento inespecífico de angústia; uma emoção vaga, difusa, sufocante, alarmante, que se espera evitar, entendido como um medo quando tem um alvo específico e identificável. Ainda para alguns autores, como Cruz, Zangrossi e Graeff (1995), os comportamentos ansiosos podem ser vistos como algo natural do organismo, como um sentido desenvolvido para que o ser humano reaja diante do perigo. Segundo Duarte e Oliveira (2004), quando a ansiedade causa comportamentos que afetam situações importantes da vida acadêmica, social e profissional de um indivíduo, ela passa a ser considerada como patológica.

Nesta direção, os transtornos de ansiedade são definidos como padrões de resposta exagerada a situações de estresse de média intensidade que podem gerar sintomas como inquietação, dificuldade na concentração, fadigabilidade, sono insatisfatório e inquieto, entre outros (APA, 1995). Por conseguinte, a ansiedade infantil está, por vezes, relacionada a algumas situações como o ingresso na escola, o nascimento de um irmão, uma crise familiar, entre outros. A criança ansiosa, segundo Vianna, Campos e Landeira-Fernandez (2009), se sente mal por não conseguir se sentir livre, já suas atitudes perante as mudanças que ocorrem durante a sua vida são de constante antecipação de fracassos, gerando sintomas desagradáveis diante de tarefas simples e podendo afetar, assim, a qualidade e o desempenho relacionados ao ambiente escolar.

Dessa forma, o tema escolhido para a elaboração da pesquisa vem aparecendo cada vez mais no cotidiano. Sendo uma aflição que pode ser associada a qualquer faixa etária, o enfoque do trabalho se deu na ansiedade infantil e na forma como a organização do ambiente escolar pode contribuir para desencadear os comportamentos e as atitudes ansiosas.

Nesse sentido, o presente tema já foi abordado anteriormente em outras pesquisas. Para Amaral (2020), a ansiedade é descrita pelo medo e pela preocupação excessiva, ocasionando um desequilíbrio emocional em crianças que estão passando pelo processo inicial de escolarização. Para a autora, com o seu desenvolvimento afetivo e social

prejudicado pela ansiedade, a criança pode vir a apresentar dificuldades de aprendizagem, contribuindo para uma baixa produtividade na área da alfabetização e da numeração, o que interfere no seu rendimento escolar. Já Santos (2016), abordou profissionais da rede pública de educação do estado da Paraíba e buscou analisar o conhecimento dos professores sobre a ansiedade infantil, mostrando através de seus resultados que o entendimento dos professores quanto à ansiedade infantil é insuficiente para adotarem estratégias pedagógicas para crianças ansiosas.

Guancino, Toni e Batista (2020) realizaram um estudo sobre a prevenção de ansiedade infantil a partir do Método FRIENDS, que tem como objetivo prevenir ansiedade e depressão por meio de habilidades socioemocionais, reabilitação e comportamentos para uma vida saudável. Nesse contexto, a pesquisa visou analisar se os sinais de ansiedade de crianças diminuem após sua participação no Método FRIENDS, que utiliza a atenção positiva, o reconhecimento de emoções e análise de pensamentos para ajudar as crianças a chegarem a resolução de problemas e a aprimorarem as suas habilidades sociais através de encontros individuais ou em grupos. Dezenove crianças, com idades entre 5 e 7 anos e de ambos os sexos participaram do estudo. Foi utilizado como instrumento de avaliação o Spence Children's Anxiety Scale, respondido pelos pais. Os dados foram analisados e os resultados apontam para a diminuição de sintomas de ansiedade nas crianças que participaram da intervenção com o método em dois meses.

A partir da literatura obtida nesse breve levantamento, mesmo tendo a ansiedade infantil como principal temática, pode-se perceber que a maioria dos estudos não abordam a organização do ambiente escolar e o seu cotidiano em seus trabalhos. Apesar disso, nos últimos tempos, foi possível ver a crescente busca pela inclusão dentro de escolas, onde profissionais de diferentes ramos da Educação se empenharam e buscaram conhecer as causas e tratamentos possíveis para diferentes transtornos. Para Machado, Almeida e Saraiva (2009, p.21), por exemplo:

Ao falar da inclusão, falamos de um conflito histórico e pertencente a certo funcionamento social, determinado pela exclusão social; o sistema em que vivemos é excludente em sua raiz. Dessa forma, falar em inclusão é perceber as práticas exclusivas constitutivas de nossa sociedade, uma sociedade de desigualdades. (MACHADO; ALMEIDA; SARAIVA 2009, p. 21)

Dessa forma, é impossível investigar e discutir a ansiedade infantil sem pensar na coletividade e em um contexto maior relacionado à sociedade e não somente à individualização e medicalização a partir de sintomas ansiosos. Isso porque, a aprendizagem infantil e o desenvolvimento da criança no que se refere ao processo escolar, estão

diretamente ligados às figuras representativas como escola, educador, ambiente de aprendizagem, condições emocionais, entre outros. Qualquer irregularidade desses fatores pode influenciar no processo de aquisição da aprendizagem.

Um olhar diferenciado para com a vivência do cotidiano escolar, bem como a organização do Estado em relação às instituições de ensino pode trazer perspectivas relacionadas ao fracasso escolar, quando, por exemplo, a criança não alcança os objetivos de aprendizagem impostos pelo professor. Isso porque, por vezes, os processos de ensino consideram que os problemas de aprendizagem são questões vinculadas apenas a problemas biológicos e fisiológicos inerentes à criança. Essa realidade é vivenciada em grande parte das instituições educacionais que não enxergam o ambiente escolar como uma possível causa das dificuldades de aprendizagem.

Mesmo sabendo que a ansiedade pode vir através da genética e traumas pessoais (CASTILLO et al, 2000), ao ignorar a coletividade, o contexto e os fatores externos em que os estudantes estão inseridos, a comunidade escolar cria maiores possibilidades e oportunidades para problemas relacionados à ansiedade se instaurarem dentro do ambiente escolar, como exigir de seus estudantes atividades complexas e desconexas com o seu nível de aprendizagem, criar ambientes não acolhedores para trabalhos em grupo, permitir ou ignorar práticas de bullying, entre outros (COSTA; BORUCHOVITCH, 2004). Através disso, quando percebe-se que o fracasso escolar vai além da culpabilização dos alunos, é possível identificar que as causas dos problemas de indisciplina e dificuldades de aprendizagem vão além do modo biológico e individual dos alunos, mas também envolvem os professores, a equipe pedagógica, a família, as metodologias de ensino, entre outros. Dessa forma, pode-se dizer que cabe a escola e seus representantes tentar ao máximo criarem espaços em que seus alunos se sintam à vontade para aprender e interagir uns com os outros.

Nesse sentido, é relevante que pesquisadores da área da educação, especialmente pedagogos que atuarão ou já atuam em sala de aula, produzam conhecimento científico problematizando essa temática, cumprindo o propósito de contribuir para a formação de pedagogos e outros profissionais a respeito do comportamento humano e, mais especificamente, da aprendizagem.

Sendo assim, o interesse por esta temática surgiu a partir das vivências que o curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá proporcionaram à autora e, sobretudo, das práticas experienciadas durante os estágios, que apontaram como os professores por vezes não apresentam conhecimento sobre a ansiedade infantil, não reconhecendo assim os seus sinais e tratando as crianças com sintomas ansiosos como “birrentas” ou “manhosas”,

transformando-as em seres desprovidos de atenção e suporte necessários na educação básica. Assim, esta pesquisa procurou contribuir para a construção de um olhar crítico sobre a ansiedade infantil através de meios de colaboração para a minimização dos efeitos da ansiedade.

A presente investigação representa um assunto relevante para a sociedade em geral, incluindo educadores e familiares que buscam entender e procurar respostas para implicações decorrentes da ansiedade infantil no contexto escolar. Assim, a pesquisa reúne conceitos e informações sobre o tema escolhido a fim de contribuir para o conhecimento e esclarecimento da comunidade escolar a respeito da ansiedade infantil. Espera-se também analisar e refletir sobre conceitualizações e contextualizações existentes na área da educação e da psicologia através da análise da literatura e de uma pesquisa bibliográfica sobre o transtorno de ansiedade e a sua relação com as práticas e vivências relacionadas ao cotidiano escolar.

Tendo em vista que a ansiedade infantil se manifesta de diversas formas e que a escola pode cooperar para a aprendizagem dessas crianças, a pergunta de pesquisa que orienta o estudo é: Considerando a literatura sobre a temática, de que forma a organização do ambiente escolar pode promover ansiedade nas crianças?

Como hipótese a esta pergunta, considera-se que o ambiente escolar pode estar relacionado à ansiedade escolar através da articulação do seu cotidiano e da forma como as avaliações são organizadas, transpassando as chamadas “semanas ou dias de avaliações” e as apresentações de trabalhos para a turma, além da própria organização das salas de aula, que privilegia atividades individuais com os inúmeros registros escritos pelas crianças e a separação de estudantes em carteiras individualizadas. Fatores como esses podem gerar uma grande exigência de alto desempenho e estimular a competição entre estudantes.

A partir disso, percebe-se a necessidade da análise de literatura, perpassando os conhecimentos da Psicologia a fim de compreender como o ambiente escolar pode promover a ansiedade em crianças. Nesse sentido, a pesquisa se torna relevante para que pesquisadores da área da Educação, especialmente pedagogos que atuarão em sala de aula, possam entender mais sobre um assunto importante para o cotidiano escolar e também produzir pesquisas científicas que problematizem essa temática, contribuindo diretamente para a formação de pedagogos e outros profissionais a respeito do comportamento humano e, mais especificamente, da aprendizagem.

Para isso, o desenvolvimento do trabalho parte de investigação qualitativa através de um procedimento de pesquisa bibliográfica, que apresenta como **objetivo geral** investigar, considerando a literatura sobre a temática, de que forma a organização do ambiente escolar

pode promover ansiedade nas crianças, e como **objetivos específicos**: descrever as causas da ansiedade infantil; compreender os principais sinais de ansiedade nas crianças; e analisar como o pedagogo, a estrutura e a organização do ambiente escolar podem colaborar para produzir e para minimizar os sintomas de ansiedade infantil. Nas próximas seções são apresentados o referencial teórico que norteia o trabalho, a metodologia, os resultados da pesquisa e as considerações finais sobre o assunto.

2 A ANSIEDADE INFANTIL DENTRO DO COTIDIANO ESCOLAR ATRAVÉS DE UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

A pesquisa se fundamentou e buscou as contribuições principalmente nos trabalhos de Collares e Moysés (1994), Machado (2004) e Patto (1984). As produções científicas citadas foram feitas a partir de autoras que abordam questionamentos e críticas da Psicologia dentro da perspectiva escolar, trazendo contribuições para discussões relacionadas ao processo complexo que define a ansiedade infantil e o cotidiano escolar. Os estudos referenciados tratam, ainda, de assuntos que, através de um olhar crítico da Psicologia e da Educação, ajudaram na construção de ideias que abordam, por exemplo, o fracasso escolar e os mecanismos mantenedores da desigualdade social (COLLARES; MOYSÉS, 1994). Sendo assim, além de compreenderem e discutirem criticamente temáticas como o desenvolvimento e a saúde infantil na Psicologia e na Educação, as autoras citados contribuíram para a pesquisa ao não considerarem as crianças que sofrem de ansiedade como responsáveis pelas dificuldades enfrentadas na escola, indo assim contra o viés convencional e ao senso comum que classifica e rotula os estudantes.

Considerando que o principal critério de escolha para a composição do referencial teórico é ter um olhar crítico sobre as concepções de Psicologia e de Educação relacionados à escola e à ansiedade, o trabalho esclarece que a ansiedade infantil está, por vezes, associada a situações presentes no ambiente escolar, como o ingresso na escola, e pode manifestar-se através da mudança na qualidade de vida da criança e seu desempenho na escola, atrapalhando, assim, o seu processo de socialização e aprendizagem.

É a partir do entendimento de contextos como os ditos anteriormente que se entende a importância de investigar a forma como a organização do ambiente escolar pode contribuir para desencadear comportamentos e atitudes ansiosas, já que a escola é responsável por processos importantes como a alfabetização e letramento, além de atuar como um instrumento para a socialização de alunos. Assim, cabe aos pedagogos e à comunidade escolar em geral questionar a articulação e a organização do cotidiano escolar na produção e na continuidade de sintomas ansiosos considerando a vivência e o contexto em que seus alunos estão inseridos. Portanto, no decorrer do texto, pode-se perceber que não existe abertura para a existência de uma Educação e uma Psicologia que diagnosticam alunos e os culpabilizam por suas próprias dificuldades na aprendizagem, mas sim a discussão da possível criação e manutenção de uma escola que se questiona e se transforma a partir da investigação dos seus próprios processos visando o bem-estar dos seus alunos e de um ensino-aprendizagem eficaz.

Por vezes, a relação entre a Educação e a Psicologia se manifesta em discursos vistos na nossa sociedade e dentro do próprio cotidiano escolar. Neste caso, quando o aluno apresenta

sintomas ansiosos que acabam influenciando no processo de aprendizagem e escolarização, a escola e até mesmo a família não apresentam nenhum plano de ação e de acolhimento da criança, culpabilizando o indivíduo sem considerar o contexto em que está inserido. O desempenho dos estudantes e sua relação com o fracasso escolar, por exemplo, podem ser enfrentados com o foco individualista, como dito anteriormente.

Dessa forma, Patto (1984) levanta a denúncia de que os profissionais da educação e da psicologia tem papel fundamental na discriminação do aluno e na criação de estereótipos, fazendo com que esses alunos se afastem cada vez mais das políticas e planos de escolarização, já que, para a autora, a articulação de um cotidiano escolar que acarreta em sintomas e comportamentos ansiosos está enraizada na Psicologia Escolar que fundamenta uma sociedade desigual e feita de sujeitos que podem ser incluídos ou não, por suas capacidades e habilidades (ou a falta destas). Assim, alunos ansiosos são comumente excluídos e culpabilizados por suas dificuldades de aprendizagem e socialização, trazendo à tona a discussão da patologização do fracasso escolar.

Nesta direção, a culpabilização das crianças que apresentam comportamentos ansiosos se torna algo naturalizado e visto, por muitas vezes, com um enfoque biológico, o que acarreta um alto índice de medicalização desses alunos. Esse processo de medicalização, por sua vez, representa a pura “biologização” de conflitos sociais a partir do reducionismo biológico, que procura explicar a situação de vida e o destino de indivíduos e grupos a partir de suas características individuais (COLLARES; MOYSÉS, 1994). Dessa forma, omite-se que indivíduos que possuem ansiedade estão sendo influenciados não somente por suas individualidades, mas também a partir das circunstâncias sociais, escolares, políticas, econômicas e históricas em que estão inseridos.

É importante ressaltar que tratar a ansiedade e os problemas escolares de forma individualizada e os verem somente através de um cunho médico é desestabilizar sujeitos e tratá-los como incapazes. Para Machado (2004), quando existe o olhar que julga os padrões de normalidade e anormalidade, há também uma concepção de uma suposta necessidade de visualizar tudo o que pode de alguma maneira adoecer os estudantes, principalmente a saúde mental desse público-alvo.

Nessa via, quando abordamos a ansiedade infantil e o ambiente escolar, a maioria dos sintomas ansiosos estão relacionados a avaliações e apresentações que envolvam um público avaliador (CHUIEIRE, 2008). Pensando que o cotidiano da escola está enraizado em práticas e normas tradicionais, a avaliação, exemplo causador de comportamentos ansiosos, se faz presente em todos os domínios da atividade escolar através do "julgar" e "comparar", com o

pretexto de avaliar, de forma sistematizada, se os objetivos escolares implícitos ou explícitos estão sendo internalizados pelos alunos. De forma geral, as práticas avaliativas podem "[...] servir a manutenção ou a transformação social" (VILLAS-BOAS, 1998, p. 21), permeando todo o processo de aprendizagem e operando através de um projeto que proporciona a liberdade e revolução social do homem na prática pedagógica. O problema é que, na maioria das vezes, as avaliações se apresentam em momentos isolados do trabalho pedagógico, sendo aplicadas através de “semanas de prova” ou até mesmo trabalhos meramente teóricos e expositivos. Ao normalizar a ideia de que a avaliação do processo de ensino e aprendizagem acontece em apenas uma única atividade técnica, os alunos são expostos a uma realidade em que se dá grande importância a dia de provas escritas ou trabalhos que devem ser apresentados como as únicas formas de avaliação do conteúdo visto em sala de aula, trazendo desde inseguranças e nervosismo até mesmo sintomas ansiosos aos discentes.

Segundo Patto (1997), é preciso pensar na relação existente entre a Educação e o Estado, que contribui para a visão de que a escola é detentora de um poder que pode transpassar as desigualdades sociais. Essa visão está presente nos planejamentos, programas e projetos que estimulam práticas de avaliação como as ditas anteriormente, fazendo com que políticas públicas e educacionais não consigam reformar, de fato, o cotidiano escolar. Deffaveri, Méa e Ferreira (2020) apontam que os professores, por sua vez, seguem esses planejamentos por se verem exaustos e descrentes em processos diferentes no ambiente escolar, como metodologias ativas e avaliações alternativas à tradicionalidade do ensino, já que esses docentes se veem desamparados e sem recursos para que existam mudanças no modo de interagir, ensinar e avaliar os alunos. Neste contexto, é impossível ignorar o fato de que o cotidiano escolar e a ansiedade infantil têm raízes nas relações sociais e de trabalho, que se determinam, principalmente, através da sociedade de classes e das más condições de docência (TRAGTENBERG, 2018). Dessa forma, em situações escolares, os professores podem culpabilizar os alunos pelos males escolares e os seus fracassos no processo de ensino-aprendizagem. Assim, os sentimentos aflorados dentro dos alunos frente ao cotidiano escolar são vistos como algo puramente biológico e reduzido a termos médicos e farmacêuticos, ignorando, dessa forma, aspectos relacionados ao processo de escolarização tradicional, como a chegada à escola e o ato de estudar e ser avaliado.

Ao pensar nas funções da escola no processo de ensino-aprendizagem, Collares e Moysés (1994) criticam o modo como a escola se articula frente aos problemas relacionados ao âmbito escolar, já que os alunos, por vezes, são vistos como sujeitos que devem ser diagnosticados com patologias e medicados para que haja a normalização e submissão frente

ao cotidiano escolar. Isso ocorre porque a escola, para o Estado, pode ser vista como um dispositivo de controle de inclusão ou exclusão das crianças na vida societária (GONÇALVES FILHO; FERNANDES; PINTO, 2018).

Ao pensar que a ansiedade infantil é um problema recorrente e, na maioria das vezes, normalizado pela comunidade escolar, os alunos são vistos como incapazes e culpados pelo seu próprio fracasso escolar. Segundo Patto (1984), essa “patologização da educação”, assim como outras áreas sociais, se baseia no principal fato de que os problemas escolares provêm apenas de disfunções neurológicas e distúrbios de aprendizagem, excluindo, dessa forma, as ações e não-ações da instituição escolar como parte integrante do sistema sociopolítico, já que o problema estaria relacionado a doenças que impedem as crianças de aprender.

Fica claro que a necessidade de controlar e medicar na infância parte da instância de que o comportamento humano é biologicamente determinado, e não tramado no tempo e nos espaços geográficos, sociais e históricos. Assim, a leitura dos trabalhos de Patto (1984), Collares e Moysés (1994) e Machado (2004) proporciona a percepção de que existe uma necessidade de estudos que se aprofundem no entendimento e na contextualização de como a ansiedade está disposta não somente como um grande fator influenciador na aprendizagem, mas também como ela está disposta no cotidiano escolar. Isso porque a discussão com viés apenas biológico e patológico, em que a ansiedade infantil é uma doença individualizada, não faz mais sentido, já que ignora padrões sociais em que os alunos estão inseridos, bem como os possíveis gatilhos que as causas e práticas dentro do ambiente escolar podem causar no desenvolvimento da ansiedade.

Para Machado, Almeida e Saraiva (2009), a Psicologia e a Pedagogia devem trabalhar em conjunto para entender e articular possíveis encaminhamentos que levem a uma prática inclusiva que levem em consideração reflexões acerca do que parece naturalizado na escola e o que pode ser diferente. Possibilidades que relacionem diferentes modos de se aprender, ensinar e avaliar podem promover um processo que auxilie na diminuição de problemas como a ansiedade infantil, utilizando diferentes construções e desenvolvimentos do ambiente escolar que proporcionam uma coletividade entre pais, professores, alunos e a instituição em si como uma comunidade escolar (MACHADO; ALMEIDA; SARAIVA, 2009). É preciso, então, entender o papel não só do professor e da comunidade escolar em geral na ansiedade infantil, mas também investigar como o Estado e diferentes contextos socioeconômicos e históricos estão articulados em conceitos que reduzem as crianças com ansiedade a "indivíduos-problema" e a diagnósticos médicos. Isso se torna importante quando se entende que o fracasso escolar vai

além do indivíduo, e perpassa relações e situações sociais que levam estudantes a sofrerem episódios e sintomas ansiosos.

Dessa forma, compreende-se que as leituras que fazem parte desta pesquisa podem contribuir para a análise sobre como o ambiente escolar está relacionado à ansiedade em crianças, bem como as suas implicações pedagógicas; pensando nos objetivos da pesquisa, os temas vistos até aqui serão ampliados e retomados no decorrer da discussão do trabalho. Assim, mesmo sabendo que a ansiedade infantil não é um fenômeno que pode ser datado e mensurado de forma exata na área da Pedagogia, espera-se que esta pesquisa traga reflexões e discussões que façam com que os leitores possam perceber que visualizar o cotidiano escolar como algo coletivo e contextualizado o torna um precursor do desenvolvimento humano, sendo capaz de construir formas de ensinar que conscientizem a comunidade, como um todo, no entendimento e na inclusão de indivíduos que sofrem com ansiedade infantil.

3 METODOLOGIA

Tratando-se do caminho metodológico, o trabalho se caracteriza como uma investigação qualitativa através de um procedimento de pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica se define a partir da investigação partindo de fontes que “[...] nada mais são do que documentos impressos para determinado público” (GIL, 2002). Ana e Lemos (2018) consideram documento qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação, como atas, relatórios, arquivos, artigos, pareceres etc. Assim, a consulta bibliográfica permite informações científicas e culturais, dentre outras, por meio de referenciais teóricos publicados sobre um determinado assunto. A escolha pela pesquisa bibliográfica se deu pelo fato dela permitir ao investigador a cobertura de fenômenos de uma maneira muito mais ampla a partir da coleta e análise de uma bibliografia adequada (GIL, 2002), buscando analisar contribuições científicas escolhidas para o recorte e para a discussão de modo que haja a percepção de benefícios, progressos científicos, possibilidades, problemas e a relação do fenômeno aqui estudado com o ambiente escolar.

Neste contexto, com o objetivo de investigar como a organização do ambiente escolar pode contribuir para o desenvolvimento da ansiedade infantil na literatura, desenvolve-se aqui uma investigação ou abordagem qualitativa que possibilita analisar uma situação natural e coletar dados descritivos considerando a realidade de forma contextualizada (ANA; LEMOS, 2018). Dessa maneira, pode-se apontar que a metodologia utilizada não busca analisar a realidade como uma totalidade, mas sim através de um recorte profundo, analisando-a mais densamente e, posteriormente, estabelecendo relação com o todo.

3.1 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados ser iniciada, a busca do material para a análise relacionada à pesquisa bibliográfica foi feita a partir do limiar de critérios que fizeram sentido não só com a metodologia, mas também com a pergunta e os objetivos da pesquisa. Dessa forma, Lima e Miotto (2007) afirmam que a visualização e escolha de critérios de análise devem ser delimitados a partir do tema, da linguística e do tempo cronológico das fontes a serem consultadas.

A partir disso, a delimitação de materiais para a posterior análise e discussão para a escrita da pesquisa ocorreu a partir da relação entre a ansiedade infantil e o ambiente escolar em artigos de revistas científicas nacionais encontrados na base de dados denominada Scientific Electronic Library Online (SciELO) no parâmetro cronológico entre 2013 e 2022. A escolha da base de dados foi feita por apresentar um grande número de fontes de pesquisa disponibilizadas para o acesso público no Brasil, além de ser uma plataforma que conta com

uma ferramenta de busca acessível e intuitiva através da constituição de palavras-chave e temas. Assim, os materiais selecionados para a análise de acordo com as palavras-chave relacionadas a termos como "ansiedade infantil e escola", "ansiedade e aprendizagem", "criança ansiosa", "aluno ansioso", "transtorno de ansiedade", "educação" e "ambiente escolar", sendo que a escolha desses termos partiu da possibilidade de os mesmos darem subsídios a discussões relacionadas com a pergunta e os objetivos da pesquisa.

Desta forma, durante o mês de março, foi feita a busca pelos artigos através das palavras-chave citadas na base de dados SciELO. Foram encontrados 10 artigos, os quais 5 foram selecionados a partir dos parâmetros temáticos, linguísticos e cronológicos. Os parâmetros temáticos e linguísticos partiram do título e do resumo dos artigos selecionados, que contêm informações que aproximam a investigação do objetivo de estudo das pesquisas selecionadas, sendo todas escritas em português e tendo a sua publicação nos últimos dez anos, ou seja, o parâmetro cronológico de 2013 a 2022. Apesar disso, pelo tema da pesquisa não ser tão discutido no meio acadêmico da forma que se aqui se propõe a fazer, observou-se que a maioria dos artigos não possui em seu resumo e título o objetivo de investigar a relação entre o ambiente escolar e a ansiedade infantil de forma direta. Além disso, os critérios dos artigos não selecionados na pesquisa na base de dados (5 textos) partem da premissa que a leitura dos títulos e dos resumos contidos não apresentaram aproximação dos temas com os objetivos da pesquisa. Um exemplo disso é o texto intitulado "Isolamento Social e seu Impacto no Desenvolvimento De Crianças e Adolescentes: Uma Revisão Sistemática" (ALMEIDA et al, 2021), cujo resumo explica que o objetivo do trabalho é analisar os efeitos do isolamento social para o desenvolvimento de crianças e adolescentes considerando a pandemia pelo coronavírus (SARS-CoV-2), demonstrando assim uma visão que se distancia da discussão prevista na presente pesquisa.

3.2 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

Dentro do conjunto de técnicas das análises qualitativas, a análise dos dados coletados para a discussão dos resultados da pesquisa partiu da sistematização utilizando a análise de conteúdo, que pode ser descrita como um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplica a discursos extremamente diversificados e tem como objetivo a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre outra realidade que não a da mensagem (SANTOS, 2012). Dessa forma, a escolha para a utilização desta técnica de análise de dados foi por ela ultrapassar a incerteza sobre o real

conteúdo das palavras, ou seja, a análise do conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras buscando outras realidades através de mensagens (SANTOS, 2012).

Pensando nisso, os critérios para a realização da análise de conteúdo através dos dados coletados se deram em categorias que agruparam os artigos selecionados de acordo com sua semelhança com os objetivos do trabalho. Sendo tabelados a partir desse critério, a construção partiu do título do material, os autores, o ano da produção, a sua principal área do conhecimento e as revistas que divulgaram as pesquisas (Quadro 1). Os critérios para tabulação foram desenvolvidos a partir dos referenciais que envolvem a própria técnica de análise de dados, além da possibilidade de organização das discussões posteriores, dando clareza e sentido às referências que serão abordadas.

Quadro 1 - Apresentação dos artigos selecionados

ARTIGO	TÍTULO	AUTOR (ES)	DATA	ÁREA	REVISTA
1	Prevenção de Ansiedade Infantil a partir do Método Friends	Guancino; Toni; Batista.	2020	Psicologia	Index Psicologia.
2	Transtorno De Ansiedade Na Infância: Alterações Cognitivas E Os Impactos Na Aprendizagem Escolar Na Terceira Infância.	Santos; Vasques; Azevedo	2022	Psicologia	Psicologias em Movimentos
3	Autoconceito e ansiedade escolar: um estudo com alunos do ensino fundamental	Muniz; Fernandes.	2016	Psicologia	Psicologia Escolar e Educacional.
4	Ansiedade infantil e modernidade em tempos de instabilidade emocional	Poletto; Amorim.	2021	Multidisciplinar (Psicologia; Pedagogia; Sociologia)	Gestão & Tecnologia.
5	Os impactos da ansiedade para a aprendizagem infantil	Amaral; Albrecht.	2022	Pedagogia	Organização Sistêmica.

Fonte: Acervo da autora.

Após a seleção dos materiais, leituras foram realizadas para que o processo de identificação e análise fossem feitos de acordo com o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa. Essa técnica foi fundamentada por Lima e Miotto (2007), através do que os

autores chamam de organização do material bibliográfico a partir da leitura exploratória, seletiva, reflexiva e posteriormente, interpretativa. Como eixos norteadores da análise estão:

1. Caracterização dos artigos analisados;
2. A abordagem dos trabalhos acerca das possíveis relações entre o ambiente escolar e a ansiedade infantil;
3. A compreensão sobre como as produções analisadas descreve as causas da ansiedade infantil e os principais sinais de ansiedade em crianças;
4. A averiguação de produções científicas que considerem a possibilidade de como o pedagogo e a estrutura escolar podem produzir ou minimizar sintomas ansiosos nos alunos.

Dessa forma, para a construção e discussão de resultados, a análise foi feita por meio da descrição dos artigos relacionados, das categorias anteriores e da comparação entre os próprios textos com o fenômeno estudado. Isso se deu porque é preciso estabelecer associações entre os dados obtidos e os referenciais teóricos da pesquisa para que se possa diferenciar a teoria da prática (MINAYO, 2002). Considerando que a pesquisa se fundamenta nos estudos de Collares e Moysés (1994); Machado (2004); Machado, Almeida e Saraiva (2009) e Patto (1984), autoras poderão contribuir com a análise sobre a temática da ansiedade infantil. Os resultados buscaram compreender, através de um olhar crítico no que diz respeito à educação, à psicologia, ao desenvolvimento e à saúde infantil, as relações existentes entre a organização do ambiente escolar e a ansiedade infantil.

4 A ANÁLISE SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O AMBIENTE ESCOLAR E A ANSIEDADE INFANTIL ENCONTRADAS NOS ARTIGOS

As análises feitas seguem um padrão que volta ao conceito de uma escola que deve reformular a sua articulação e seu papel na sociedade constantemente em relação aos seus objetivos e influências não só no processo de ensino aprendizagem, mas também no desenvolvimento e na formação de crianças e adolescentes. Dessa forma, segundo Borsa (2007, p. 4):

Considera-se a ação de educação não só um processo de ensino-aprendizagem, mas também, e não menos importante, o processo de constituir indivíduos críticos, socializados, com conhecimento pleno daquilo que é importante ser, enquanto indivíduos, e daquilo que o mundo espera de si enquanto pessoas éticas, plenamente integradas no espaço em que estão inseridas.

Assim, para a produção desta pesquisa considerou-se que a escola deve fornecer um espaço que oportuniza o estímulo do pensamento crítico, da socialização e da cultura através de ações que vão contra os interesses dominantes presentes na sociedade e aos padrões inalcançáveis de produtividade que levam, na maioria das vezes, a sofrimentos e problemas como a ansiedade e depressão (PATTO, 2010).

Dessa forma, a partir das análises dos estudos referenciados na metodologia, assuntos vistos através de um olhar crítico da Psicologia e da Educação ajudaram na construção de ideias que relacionam a saúde mental infantil com as dificuldades presentes na forma em que o ambiente escolar convencional é articulado, perpassando por pautas que ajudam a compreender mais sobre a ansiedade infantil, suas causas e a forma que a estrutura e organização da educação como um todo podem ajudar a minimizar os sintomas da ansiedade infantil presente na rotina escolar.

Sendo assim, com a finalidade de compreender como a literatura acadêmica aborda a ansiedade infantil e a relaciona ao ambiente escolar, o trabalho buscou, por meio de uma seleção de dados e trechos dentro de cada artigo analisado, características que podem (ou não) estar relacionados com os objetivos da pesquisa.

Elencou-se, através de leituras, relações entre as pesquisas para o melhor entendimento da articulação do ambiente escolar pensando na temática “ansiedade infantil”. Dessa forma, para melhor compreensão textual, os artigos serão citados nas análises a partir de uma forma numérica (1 a 5), conforme o Quadro 1.

Assim, primeiramente três categorias de análise foram criadas a partir dos objetivos do trabalho: A descrição das causas da ansiedade infantil; a compreensão dos sintomas da ansiedade em crianças; e a análise de como o pedagogo, a estrutura e a organização do ambiente

escolar podem colaborar para produzir e minimizar os sintomas da ansiedade infantil. Posteriormente, foi identificado que a maioria dos artigos trazem definições de ansiedade e dos transtornos ansiosos, fornecendo informações adicionais que proporcionam uma melhor compreensão da temática e dos objetivos específicos. Sendo assim, criou-se um outro eixo de análise que aborda essas conceitualizações, como pode ser visto na descrição a seguir.

4.1 A conceitualização da ansiedade e sua relação aos transtornos de ansiedade

Como dito anteriormente, através da leitura dos conteúdos presentes nos artigos apresentados na metodologia, entendeu-se a necessidade da criação de um novo eixo de análise para que as categorias relacionadas aos objetivos da pesquisa fossem melhor discutidas através da definição do termo “ansiedade”. Sendo assim, a ansiedade é utilizada tantas vezes que faz parte da linguagem comum, já que atualmente a alta incidência de diagnósticos relacionados ao tema se apresenta em indivíduos de diversas faixas etárias, mostrando um constante crescimento relacionado a fatores que prejudicam a condição emocional e a resposta a estímulos.

Dessa forma, no Artigo 1 os autores conceituam a ansiedade como “[...] uma reação antecipada de ameaça futura [...] levando a comportamentos de cautela ou esquiva” (GUANCINO; TONI; BATISTA, 2020, p. 520). Enquanto isso, o Artigo 4 conversa com esse conceito ao dizer que “[...] a ansiedade é uma reação natural do corpo a alguma situação de perigo que pode ou não acontecer, como um choque de adrenalina para nos proteger de algum acontecimento externo que possa nos fazer mal” (POLETTI; AMORIM, 2021, p. 28). A partir dessa análise, pode-se perceber que por vezes a ansiedade é vista como uma forma de defesa e proteção do ser humano, sendo uma reação natural e necessária para a autopreservação em determinadas situações. Complementando isso, o Artigo 5 ainda a define como “[...] um sentimento negativo de extrema preocupação antecipando um perigo” (AMARAL; ALBRECHT, 2022, p. 8), sendo possível dizer que, em sua maioria, as reações de ansiedade normais não precisam ser tratadas por serem naturais e esperadas da natureza humana.

A ansiedade e o medo deixam as vias naturais e passam a ser vistos como patológicos a partir do momento em que as reações são desproporcionais em relação a algum estímulo ou ao que se observa em determinada faixa etária, interferindo na qualidade de vida. Dessa forma, os artigos analisados concordam que os chamados “Transtornos de Ansiedade” partem de respostas emocionais e situações que acontecem quando a reação do organismo humano ocorre sem causa aparente ou de forma exagerada e sem pausa, como visto no Artigo 4, que afirma

que esses transtornos acabam “[...] atrapalhando a qualidade de vida de quem sente e das pessoas que a cerca.” (POLETTI; AMORIM, 2021, p. 28). Sendo caracterizados no Artigo 3 como “[...] um incômodo desagradável interno, que deixa a pessoa com uma sensação desconfortável, uma inquietação interna junto às percepções negativas sobre o futuro e manifestando sintomas somáticos e fisiológicos” (MUNIZ; FERNANDES, 2016, p. 428), as informações lidas e destacadas levam a ideia de que os transtornos de ansiedade partem de um estado psicológico e fisiológico, apresentando aspectos que podem perpassar o cognitivo, o emocional, o comportamental, e até mesmo a uma predisposição neurobiológica herdada.

Assim, os transtornos de ansiedade generalizados costumam ser crônicos e causados por um sofrimento durante vários anos, se manifestando, segundo o Artigo 5, de “[...] fobias, pânico, maior intensidade do sentimento de ansiedade em maior frequência e duração” (AMARAL; ALBRECHT, 2022, p. 8). Nesta direção, o Artigo 3 ainda diz que os transtornos podem ser associados a eventos passageiros ou ambientes ligados a algo específico ou até mesmo na forma do indivíduo de “[...] lidar com situações do dia a dia, como parte da sua própria constituição da personalidade” (MUNIZ; FERNANDES, 2016, p. 429).

Neste contexto, é possível associar o que foi retirado dos artigos anteriores com o referencial teórico através de ideias que abordam como as situações escolares e até mesmo o ambiente escolar convencional, com suas características atreladas a salas de aula sistematizadas para que os professores sejam vistos como mestres e os alunos como aprendizes, podem por vezes aflorar sentimentos que são vistos através de um viés puramente biológico por adultos, que reduzem e relacionam medos e paranoias dos alunos a irracionalidade e ignoram a manifestação fisiológica e comportamental dos indivíduos infantis (COLLARES; MOYSÉS, 1994).

Dessa forma, as definições vistas nos artigos aqui abordados apontam que existe uma importância de diferenciar, o que segundo eles, é uma ansiedade atrelada a emoções fundamentais para sobrevivência, e o que são os transtornos que prejudicam as atividades e a rotina dos indivíduos. Apesar disso, pode-se perceber que os artigos utilizam um viés biológico e generalizado para definir o conceito de ansiedade, indo ao contrário do que foi visto no referencial teórico da presente pesquisa. Isso porque, ao considerar a ansiedade através de uma forma naturalizada e individualizada, fica fácil culpabilizar sujeitos que apresentam comportamentos ansiosos e omitir-se as influências que partem das suas circunstâncias sociais, escolares, políticas, econômicas, entre outros. Pensando na temática do trabalho, é preciso tratar essas definições e conceitualizações analisadas utilizando discussões que vão além do biológico, considerando também o contexto e a coletividade presente na vida de indivíduos

ansiosos através de um viés que considere mais do que aspectos neuropsicológicos e cognitivos no desenvolvimento das crianças.

Nesta direção, a análise e discussão de conceitos como “ansiedade” e sua relação com os transtornos ansiosos foram de extrema importância para se ter subsídios para a discussão posterior sobre como os artigos abordam relações entre o desenvolvimento da ansiedade infantil e a organização do ambiente escolar.

4.2 As possíveis causas da ansiedade infantil

Considerando o que foi visto em relação à definição de ansiedade, pode-se concluir que as suas manifestações somáticas, fisiológicas e psíquicas partem da patogenicidade de um sentimento humano normal e fundamental para a vida cotidiana, tendo sintomas exacerbados para situações que desencadeiam comportamentos ansiosos, prejudicando o desempenho dos indivíduos em suas atividades diárias. Segundo Sobrinho e Madalena (2020), o transtorno de ansiedade na infância e na adolescência são mais prevalentes quando comparados a outras faixas etárias, atingindo de 4% a 25% da população, sendo que cerca de 10% da população infantil apresenta um quadro patológico ou um transtorno de ansiedade.

Pensando no referencial teórico da pesquisa, admite-se que o desenvolvimento cognitivo e emocional em crianças ocorre de acordo com suas interações e manifestações de sentimentos frente à sociedade (MACHADO, 2004) e que podem ser esperados ou inesperados e exagerados, já que, diferente dos adultos, as crianças por vezes não reconhecem a origem de seus medos e nem a forma irracional ou exagerada que estão expressando seus sentimentos, principalmente aqueles que estão começando a vida escolar. Diante dessa situação, é importante abordar as principais possíveis causas da ansiedade infantil, já que o alto índice de crianças com sintomas de ansiedade na sociedade atual costuma causar mudanças no seu desenvolvimento emocional e cognitivo.

Dessa forma, as causas da ansiedade infantil são, por muitas vezes, desconhecidas, já que os sentimentos expressados pelas crianças envolvem vivências e contextos diferentes, partindo de causas multifatoriais atrelada a diversos fatores (ASBAHR, 2004). Segundo o Artigo 2, os autores apontam que “[...] as causas para o desenvolvimento dos transtornos de ansiedade em crianças envolvem uma interação complexa de fatores, podendo ser biológicos, ambientais (fatores familiares, experiências de aprendizagem) e individuais” (SANTOS; VASQUES; AZEVEDO, 2022, p.107), ou seja, pode-se dizer que, trazendo à tona um sentimento que por muitas vezes é indescritível e que desperta sensações inespecíficas porém

relacionadas à existência de que "algo está para acontecer", as manifestações ansiosas podem estar ligadas a situações que deverão ser enfrentadas no dia a dia, como a véspera de uma prova, a mudança de casa, o nascimento de um irmão, entre outros.

Assim, é inviável tratar as possíveis causas da ansiedade infantil como algo particular e engessado, já que os sintomas ansiosos podem estar relacionados a diversos fatores presentes nas vivências dos indivíduos. Segundo o Artigo 1, a ansiedade pode ocorrer devido a “[...] uma interação complexa de influências biológicas, cognitivas, comportamentais e sociais, sendo que o peso desses fatores causais pode variar entre as crianças” (GUANCINO; TONI; BATISTA, 2020, p. 520) passando desde momentos que para os adultos são cotidianos, como ficar sozinho em casa ou o desenrolar de um jogo, até momentos considerados como ameaçadores e que podem envolver o abuso infantil, a criminalidade e o uso de drogas e álcool pelos familiares. O Artigo 5 corrobora com essas informações ao citar Bossa (2007) e discutir que a consequência de fatores relacionados à ansiedade em crianças pode emergir a partir de indagações e incertezas associadas ao “[...] ambiente, a metodologia utilizada pelo professor, a relação familiar, entre outros, ou relacionadas a fatores emocionais, psíquicos e sociais (AMARAL; ALBRECHT, 2022, p.1). Assim, pode-se perceber uma semelhança entre os principais fatores listados pelos artigos analisados ao ver que a maioria deles (Artigo 1, Artigo 3, Artigo 4 e Artigo 5) aborda os comportamentos infantis relacionados ao medo do abandono, ao desempenho escolar, a características de temperamento e a questões familiares.

Indo além, ao dizer que “[...] as influências genéticas e as características de temperamento também são elementos de predisposição que podem aumentar a vulnerabilidade ou diminuí-la em interação com os diversos fatores supracitados” (MUNIZ; FERNANDEZ, 2016, p. 24), o Artigo 3 ainda aborda discussões relacionadas a características importantes e individuais que também são relevantes, já que estão estritamente ligadas à forma como a criança pode reagir a dadas circunstâncias que as cercam ao levar em consideração fatores como o histórico familiar de depressão e outros transtornos, a anormalidades do sistema nervoso central, entre outros (CUNHA; OLIVEIRA, 2022).

Nesta direção, abordando a família como um dos possíveis fatores presentes nos comportamentos ansiosos, a Associação Americana de Psiquiatria (2004), aborda a ansiedade infantil através dos chamados “Transtornos de Ansiedade de Separação”, que geralmente aparecem durante infância e podem resultar em apreensões e ansiedades relacionadas a figuras de apego - como os familiares, cuidadores e professores - e a sua perda ou separação. Assim, o Artigo 1, ao considerar “o comportamento dos pais (fatores de personalidade e estresse)” (GUANCINO; TONI; BATISTA, 2020, p. 520) como um fator de risco frente a ansiedade

infantil, contribui para a discussão de que crianças podem projetar inseguranças em seus relacionamentos interpessoais. Assim, a partir dessa análise e do referencial teórico utilizado na pesquisa, percebe-se a necessidade de se ter um olhar mais apurado em relação a família e a escola, já que figuras paternas configuram o exemplo e a forma em que a criança irá formar as suas reações frente a situações da vida.

Ainda discutindo sobre os anseios relacionados à “perda” dos familiares e as influências que as configurações interpessoais têm durante a infância, o Artigo 4 diz que

[...] entre as causas está a vida corrida dos pais e, com isso a inevitável separação que ocorre cada dia mais cedo para o ingresso das crianças na pré-escola, fazendo com que elas passem por uma mudança brusca na rotina, o que elas não têm maturidade para entender por serem muito pequenas. (POLETTI; AMORIM, 2021, p. 26)

Ou seja, o trecho apresentado anteriormente corrobora com ideias vistas em outras referências da área que abordam como a criança em período escolar pode apresentar um sofrimento intenso relacionado ao afastar-se de casa, o que pode causar manifestações físicas de ansiedade como dor de cabeça, náusea, dor abdominal e também sintomas mais elaborados, como crises de choro e desmaio (CIPOLA; MARTINS; CASSIANO, 2020). Assim, pensando nas ideias vistas no artigo de que os sintomas ansiosos são vistos como uma patologia no momento que interferem nas relações e nas atividades cotidianas dos indivíduos, as causas relacionadas a esses sintomas são abordadas como prejudiciais e geradoras de grande estresse nas crianças, sendo reconhecidas como influências negativas para a autonomia dos pequenos.

Neste contexto, se torna possível criar discussões a partir da literatura analisada, já que, vendo o ambiente escolar como responsável por contribuir para o desenvolvimento psicológico e social do indivíduo (OLIVEIRA; SISTO, 2002), a escola, apesar de desempenhar um papel importante, pode por vezes proporcionar experiências que levam a sintomas ansiosos por apresentar uma realidade nova para as crianças. Dessa forma, com diversas regras e normativas inéditas, os alunos são expostos a experiências novas como o fazer silêncio, obedecer e conhecer pessoas novas. Para corroborar a discussão, autores da área como Cipola, Martins e Cassiano (2020) consideram que a ansiedade em alunos não ocorre somente quando vão pela primeira vez à escola, mas pode acontecer com aqueles já habituados, que em várias situações sentem-se impotentes diante de organizações e conflitos apresentados.

Assim, a partir dos trechos retirados dos artigos, vê-se a necessidade de tratar, com profundidade, a forma que as experiências do ambiente escolar, como o ingresso de crianças nos anos iniciais da escola, estão atreladas a ansiedade infantil. Dessa forma, as autoras da presente pesquisa consideram que existe uma falta de controle sob acontecimentos no âmbito

escolar, como as regras e normativas ditas anteriormente, o que influencia na interação de indivíduos e no desenvolvimento de atividades que podem integrar alunos que se sentem vulneráveis e ansiosos frente a mudanças. Percebe-se, então, que apesar de citarem fatores que podem ser associados a vida escolar, os artigos não abordam, de forma conclusiva, como as causas da ansiedade infantil estão relacionadas não só ao desenvolvimento infantil, mas também a socialização de crianças dentro da escola.

Sendo assim, ao defender que aspectos e contextos presentes na atualidade podem contribuir para o aumento da ansiedade, as autoras acreditam que precisa-se criar investigações que vão além do que é discutido nos artigos analisados, indo de encontro com a relação entre a saúde mental e o aumento da ansiedade infantil com o século XXI, já o acesso a tecnologias como a internet e aos programas de televisão tornaram a divulgação de notícias referentes a diferentes formas de violência na sociedade mais fácil. Para corroborar isso, D'Avila et al (2019) afirma que testemunhar eventos dolorosos e violentos podem desencadear ansiedade por estarem associados a diversos âmbitos de convivência das crianças, perpassando o seio familiar, escolar e a sua vida comunitária e social. Além disso, questões relacionadas ao baixo nível socioeconômico, como o aumento da criminalidade, a fome e a incerteza de onde morar aumentam o risco de se ter o desenvolvimento de algum transtorno de ansiedade na infância e na adolescência (CUNHA; OLIVEIRA, 2022), já que eventos traumáticos como os citados interferem no desenvolvimento cognitivo e na forma como a criança se relaciona com os estímulos e a socialização.

4.3 A compreensão dos principais sinais de ansiedade nas crianças

A partir da conceitualização e do conhecimento das inúmeras possíveis causas da ansiedade infantil, se faz necessário a identificação dos primeiros sinais que demonstram que uma criança está ansiosa para que seja possível construir, posteriormente, uma discussão de como a estrutura e a organização do ambiente escolar podem estar relacionados aos sintomas ansiosos. Sendo assim, a análise se inicia com o Artigo 4, que diz que “[...] os sintomas e os medos podem acontecer e se manifestar em várias áreas da vida da criança e são tanto fisiológicos quanto comportamentais” (POLETTO; AMORIM, 2021, p. 28), ou seja, assim como as suas causas, os sintomas da ansiedade infantil dependem de diversos fatores.

Como visto nos pontos anteriores, os autores lidos acreditam que é através de preocupações difíceis de serem controladas e reações exageradas frente a situações cotidianas que a manifestação da ansiedade infantil se baseia em fatores ambientais, comportamentais, genéticos e sociais. Assim os sintomas ansiosos podem ser compreendidos através da fala do

Artigo 4, que diz que eles “[...] não se manifestam da mesma maneira, já que não há crianças ansiosas que se comportam igualmente, existem apenas semelhanças de casos” (POLETTTO; AMORIM, 2021, p. 29).

Assim, 4 dos 5 artigos analisados (Artigo 1, Artigo 2, Artigo 4 e Artigo 5) abordam os principais sintomas fisiológicos e comportamentais de crianças que sofrem com ansiedade. Dessa forma, segundo o Artigo 1, a ansiedade infantil pode se manifestar através de

Queixas corporais, tais como dor de barriga, embrulho no estômago, sudorese excessiva e palpitação sem causa clínica, demasiada preocupação e irritabilidade, evitação de eventos ou circunstâncias, medo de falar em público ou de se manifestar, dentre outros. (GUANCINO; TONI; BATISTA, 2020, p. 522)

Enquanto isso, além de descrever os sintomas fisiológicos associados à ansiedade em crianças como “[...] o aumento da frequência cardíaca e da respiração, náuseas, queixas de dor de estômago e dor de cabeça, vômito, diarreia e fadiga.” (POLETTTO; AMORIM, 2021, p. 29), o Artigo 4 também trata, assim como o anterior, dos sintomas comportamentais ao dizer que “[...] mudanças de comportamento em situações que deixem a criança ansiosa, por exemplo, ao ficar nervosa, podem ser vistos ao ela chorar, agarrar-se a um adulto ou ficar trêmula e sentir as pernas bambas.” (POLETTTO; AMORIM, 2021, p. 29), mostrando como deve-se levar a sério o assunto por interferir no cotidiano dos pequenos.

Além disso, foi possível perceber que as discussões apresentadas no Artigo 2 e no Artigo 5 foram ao encontro com a ideia de que a criança ansiosa começa a se comportar dentro do ambiente escolar. Dessa forma, ao afirmar que

Os sintomas da ansiedade são caracterizados pelo medo, angústia, inquietação, apreensão, sensação de exaustão, pensamentos negativos associados a perigos desconhecidos e futuros, insônia e tensão muscular. [...] as crianças que sofrem de ansiedade apresentam sintomas como: excessiva preocupação, baixa autoestima, sentimentos negativos, poucas perspectivas futuras, retraimento e desmotivação (AMARAL; ALBRECHT, 2020, p. 8-9)

Os autores do Artigo 5 discutem como esses sintomas impactam o desenvolvimento afetivo e social dos alunos, que são essenciais para a efetivação da aprendizagem. O Artigo 2 corrobora com o dito ao abordar que

[...] os pacientes com transtorno de ansiedade apresentam limitações em atividades que exigem focos específicos, ou manter a atenção sustentada por um período de tempo, bem como concentrar-se, devido à desabilitação da focalização. (SANTOS; VASQUES; AZEVEDO, 2022, p. 108)

A partir disso, fica explícito como a leitura e análise dos trechos podem contribuir para a ideia de que a comunidade escolar, principalmente os professores, pedagogos e familiares, os quais têm um contato maior com as crianças, não podem ignorar tais sintomas. Isso porque,

através da perspectiva do referencial teórico da pesquisa, entende-se que o desenvolvimento escolar infantil é influenciado por diversos fatores que podem dificultar ou facilitar o processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, as autoras acreditam que os aspectos fisiológicos e emocionais listados devem ser observados constantemente, já que sintomas e comportamentos de crianças ansiosas podem se tornar indicadores de dificuldades e até mesmo de transtornos de aprendizagem (MACHADO, 2004).

Assim, concordando com as ideias expostas na categoria de análise presente nos artigos e as relacionando com as ideias vistas no referencial teórico, observou-se que existem outros autores, como Santos et. al. (2016), que abordam a forma que os sintomas ansiosos podem estar relacionados ao fracasso escolar, se manifestando durante os anos escolares e podendo evoluir, posteriormente, a dificuldades e transtornos de aprendizagem. Neste contexto, verificou-se que a forma como os sintomas são abordados nos artigos analisados é contextualizada com discussões em torno da rotina escolar, podendo servir como subsídio a investigações necessárias de uma temática escassa no Brasil através de pautas relacionadas a ansiedade em crianças e transtornos de aprendizagem.

4.4 A organização do ambiente escolar e suas influências sobre os sintomas da ansiedade infantil

O desenvolvimento psíquico parte de mudanças e diferenças funcionais na capacidade de processamento da informação entre crianças, ocorrendo através de fatores que potencializam, por exemplo, o processo de aprendizagem (ANDRADE RODRIGUES; CARVALHO, 2021). Pensando no que foi analisado e discutido até o momento, a ansiedade pode afetar alunos e influenciar tanto o seu processo de ensino aprendizagem quanto no desenvolvimento cognitivo.

Relacionando as causas e os sintomas da ansiedade com o analisado no material de estudo, o Artigo 5, ao dizer que “[...] os professores, na maioria das vezes sobrecarregados de afazeres e com salas superlotadas, não conseguem observar os sintomas, enquanto o aluno quase sempre é taxado de indisciplinado ou desinteressado” (AMARAL; ALBRECHT, 2022, p. 29). Além disso, o Artigo 5 ainda fornece ideias como “[...] há estudos que sugerem que a ansiedade deve sempre ser considerada no ambiente escolar para compreender melhor os comportamentos e o rendimento do aluno” (AMARAL; ALBRECHT, 2022, p. 26).

Pensando nos trechos anteriores, a formulação de ideias que levam em consideração que as manifestações ansiosas são multifatoriais e baseadas nas vivências dos indivíduos vão de encontro a ideias presentes no Artigo 5, que relaciona a ansiedade somente a alunos

indisciplinados e com baixo rendimento. Dessa forma, as autoras fazem uma crítica ao que está presente no Artigo 5 por acreditarem que os sintomas e transtornos ansiosos podem afetar qualquer aluno, independentemente do seu rendimento. Para corroborar isso, a existência de trabalhos como o de Costa e Boruchovitch (2004) e Collares e Moysés (1994) ajudam na construção de ideias que consideram que alunos com desempenhos excelentes podem também apresentar ansiedade devido às expectativas colocadas em si pelos pais e professores. Assim, se torna possível entender como a ansiedade é vista através de diferentes situações escolares, perpassando desde a forma que o rendimento e desempenho dos estudantes são avaliados até mesmo como os hábitos de estudo, as estratégias de aprendizagem e o ambiente escolar são articulados.

Dessa forma, o Artigo 3 aborda o ambiente escolar e a ansiedade através de falas como “[...] a escola é um contexto que pode gerar situações que causam ansiedade no aluno, como as regras a serem cumpridas” (MUNIZ; FERNANDES, 2016, p. 428). Isso ocorre, por exemplo, nos anos iniciais da escolarização, em que os alunos são expostos a novas situações escolares e acabam, por vezes, desenvolvendo reações ansiosas no contexto escolar. Lembrando que “[...] a ansiedade é uma reação natural do corpo a alguma situação de perigo que pode ou não acontecer” (POLETTO; AMORIM, 2021, p. 28), os sintomas ansiosos se tornam preocupantes quando as reações das crianças ao se depararem com situações novas, como a sala de aula e as avaliações, se tornam desproporcionais e interferem na sua socialização, concentração e consequentemente na sua aprendizagem. Nesse sentido, o Artigo 4 mostra que “[...] no processo de aquisição do conhecimento a criança sofre influência dos ambientes em que ela interage, entre eles: a família, a escola, a cultura do lugar, as pessoas do seu convívio, etc.” (POLETTO; AMORIM, 2021, p. 30), concordando com o Artigo 3, que aponta que

[...] a criança se depara com situações novas como a sala de aula, com a necessidade de ser avaliada, de fazer novos companheiros, ser aceita socialmente, buscar estratégias de aprendizagem, entre outras. São situações novas para as quais a criança deve se adaptar e aprender como se comportar. (MUNIZ; FERNANDES, 2016, p. 429)

Neste sentido, as autoras concordam com o dito anteriormente e os relacionam com a articulação do ambiente escolar para receber alunos dos anos iniciais. Pensando que as situações e regras escolares são experiências totalmente diferentes, os alunos manifestarem sintomas ansiosos por se depararem com normativas novas para quais eles têm que se adaptar e aprender como se comportar. Para corroborar isso, o Artigo 3 ainda afirma que “[...] se a ansiedade é considerada como uma apreensão ou uma preocupação em relação ao futuro,

entende-se que o primeiro ano escolar seja o mais propenso a produzir esse tipo de reação nas crianças.” (BARLOW, 2002; CRASKE et al, 2009 apud MUNIZ; FERNANDES, 2016, p. 433).

Ainda na discussão sobre como a ansiedade infantil influencia a aprendizagem dos alunos, o Artigo 4 aponta que:

[...] a aprendizagem infantil, por sua vez, no que diz respeito à vida escolar, em geral está intimamente ligada às condições oferecidas pelas figuras representativas, como: a escola, o educador, o ambiente de aprendizagem, as condições emocionais e a estrutura familiar. Qualquer situação em que um desses fatores esteja funcionando de forma não ideal leva a prejuízos para a criança, pois isso influencia de forma direta e indireta no processo de ensino-aprendizagem. (POLETTTO; AMORIM, 2021, p. 30)

Dessa forma, através do que foi visto até o momento, os artigos analisados tratam a ansiedade infantil no contexto escolar através de trechos que discutem as cobranças excessivas em avaliações, no tratamento dos professores com os alunos e nas exigências e idealizações dos familiares em relação aos estudos. Essas afirmações podem ser associadas, ainda, a discussões que abordam os papéis complexos das instituições escolares e a aprendizagem tradicional, criticando pontos como a avaliação do rendimento dos alunos.

Nesta direção, a partir do que foi visto até o momento, os artigos conversam entre si de forma clara e contextualizada ao utilizarem as situações escolares cotidianas como possíveis causadores de sintomas de ansiedade. Concordando com o analisado e o relacionando com outros autores como Costa e Boruchovitch (2004), acredita-se que a forma que os alunos são cobrados para lembrarem de conteúdos e os aplicarem em trabalhos e atividades, bem como estão inseridos em um ambiente onde existem diversos critérios e exigências para essas avaliações, afeta a sua autoestima, diminuindo a sua concentração e conseqüentemente aumentando as suas manifestações ansiosas. O próprio Artigo 4 afirma que “[...] os danos causados pela ansiedade no âmbito escolar são muitos. Os alunos ansiosos muitas vezes têm um baixo rendimento por medo de fracassar, dificuldade na hora das provas e medos nas horas em que precisam apresentar trabalhos.” (POLETTTO, AMORIM, 2021, p. 30). O Artigo 2 complementa o trecho anterior ao apontar que “[...] a ansiedade dos alunos tende a aumentar quando tomam consciência de que não dominam o conteúdo e não sabem se beneficiar de estratégias de aprendizagem de forma assertiva nas avaliações escolares.” (SANTOS; VASQUES; AZEVEDO, 2022, p.113)

A partir de tudo visto, as autoras instituem a afirmação de que as causas da ansiedade infantil presentes no ambiente escolar estão atreladas a articulação das práticas pedagógicas, principalmente aquelas referentes ao ensino tradicional e à avaliação do rendimento e desenvolvimento dos alunos, já que as suas ansiedades aumentam devido a cobrança de

“dominar” conteúdos e aplicá-los em atividades propostas pelos professores, sejam elas individuais ou em grupo. É dessa forma que a ansiedade começa a interferir no desempenho do aluno, e que, segundo o Artigo 5, começa a “[...] impactar o autoconceito da criança, que se percebe como menos habilidoso para as atividades escolares e acredita que não é capaz de lidar com trabalhos em grupo e que suas ideias são rejeitadas” (AMARAL; ALBRECHT, 2022, p. 12). Segundo o Artigo 4, sintomas da ansiedade começam a influenciar o desenvolvimento escolar do aluno “[...] uma vez que podem atrapalhar a socialização e a concentração do aluno, atrapalhando também a absorção de conteúdo.” (POLETTTO; AMORIM, 2021, p. 30). A partir do que já foi discutido previamente no trabalho, sabe-se que a ansiedade infantil se manifesta através de sintomas fisiológicos e sintomas comportamentais e pode ter consequências no processo de aprendizagem e conseqüentemente no desenvolvimento das crianças, é necessário que o ambiente escolar seja articulado para que haja a minimização dos sintomas ansiosos nos alunos.

Compreende-se que a ansiedade infantil traz a necessidade de uma atenção especializada além da mudança de práticas pedagógicas que ajudem os alunos a superarem as suas dificuldades de aprendizagem decorrentes da ansiedade. Segundo o Artigo 5, que discute os impactos da ansiedade para a aprendizagem,

[...] a sociabilização promovida no ambiente escolar, é facilitadora das interações entre diferentes realidades e percepções de mundo expressas pelas crianças e adultos, de forma, que auxilia a promover um processo de descentralização em direção a superar o egocentrismo inicial ao contato com um novo objeto ou pensamento (AMARAL; ALBRECHT, 2022, p. 12)

Assim, entende-se que com práticas e metodologias inclusivas e coletivas, os gestores e professores podem estabelecer um desenvolvimento e aprendizagem pautadas no autoconhecimento, na valorização e no respeito às necessidades educacionais de cada aluno utilizando atividades que sejam contextualizadas com a realidade da criança, o que cria, segundo o Artigo 5, além da afetividade, “[...] um vínculo interpessoal entre o professor e aluno objetivando a superação das dificuldades de aprendizagem” (AMARAL; ALBRECHT, 2002, p. 13).

Neste contexto, a forma que as práticas pedagógicas são formuladas e aplicadas é vista como um possível minimizador dos efeitos da ansiedade infantil no ambiente escolar através do trecho presente no Artigo 4, que aponta que “[...] explicar como será o processo das aulas e das atividades pode trazer tranquilidade ao aluno e diminuir a ansiedade.” (POLETTTO; AMORIM, 2021, p. 34). Ainda no Artigo 4, sugere-se que os professores conheçam os pontos fortes de seus alunos e os utilize em sala de aula, já que “[...] discentes ansiosos que dominam

certas habilidades se sentirão mais confortáveis em mostrá-las para seus colegas, aumentando assim a sua confiança, o que também pode levá-los a desenvolver outras habilidades.” (POLETTO; AMORIM, 2021, p. 33), além de exemplificar práticas como “[...] promover a ludicidade de maneira que ela enfrente seus medos através de jogos que a estimule a socializar com os colegas e também a aprender a perder, a esperar sua vez, entre outros que podem ser particulares de cada criança.” (POLETTO; AMORIM, 2021, p. 34). Em relação a isso, as autoras concordam com o dito pelo Artigo 4 e adicionam ideias a discussão ao apontarem atividades como jogos, feiras e gincanas como um estímulo a interação e socialização entre alunos de diferentes turmas. Assim, adaptando essa prática para que ela atenda às necessidades dos discentes, as autoras acreditam que o professor pode formar, junto com outros profissionais da escola, um olhar mais detalhado para as crianças que apresentam sintomas ansiosos e pensar em instrumentos de aprendizagem que possibilitem a vivência e internalização de efeitos relacionados à inovação e frustração de forma natural, sem sofrimento. Para tanto, o presente trabalho aponta a importância dos professores e gestores estarem sempre atualizados e investindo em formações continuadas que os ajudem a encontrar diferentes formas de incentivar e incluir crianças com comportamentos ansiosos, já que “um professor sensível terá um olhar de forma individual a cada criança e perceberá suas diferenças para poder incentivar o seu crescimento intelectual e o aprendizado.” (POLETTO; AMORIM, 2021, p. 33).

Dessa forma, foi possível observar que os artigos analisados deram subsídio para diversas discussões relacionadas a articulação do ambiente escolar e o desenvolvimento da ansiedade infantil. Como dito anteriormente, existe uma escassez de trabalhos que abordem especificamente com a temática e os objetivos específicos da presente pesquisa. Ao fazer a leitura e trechos que faziam sentido com as categorias de análise, a análise de conteúdo feita proporcionou discussões que foram além do visto nos trabalhos. Dessa forma, apesar de não concordar com tudo presente nos artigos, eles forneceram ideias que enriqueceram discussões sobre uma organização de um ambiente escolar que promova a coletividade, com atividades e experiências que estimulem a socialização entre alunos e a diminuição da ansiedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação às considerações finais da pesquisa, o desenvolvimento do trabalho verificou que a organização do ambiente escolar pode promover ansiedade nas crianças através de práticas tradicionais, como as provas e trabalhos expositivos, que ignoram a vivência e

singularidade de cada aluno, incentivando assim o medo de frustrações e experiências novas e estimulando o aparecimento de sintomas ansiosos em crianças.

Dessa forma, instituiu-se a importância de entender conceitos, definições, causas e sintomas relacionados a ansiedade infantil, bem como a relação de cada pauta dessa com o coletivo, considerando assim todos os aspectos da manifestação de crianças ansiosas frente a fatores ambientais, comportamentais, sociais e biológicos.

Como hipótese a esta pergunta, considera-se que o ambiente escolar pode estar relacionado à ansiedade escolar através da articulação do seu cotidiano e da forma como as avaliações são organizadas, transpassando as chamadas “semanas ou dias de avaliações” e as apresentações de trabalhos para a turma, além da própria organização das salas de aula, que privilegia atividades individuais com os inúmeros registros escritos pelas crianças e a separação de estudantes em carteiras individualizadas. Fatores como esses podem gerar uma grande exigência de alto desempenho e estimular a competição entre estudantes.

Assim, verificou-se que a ansiedade se manifesta de forma multifatorial e pode ser potencializada ou minimizada a partir da organização do âmbito educacional, sendo que a sua articulação e a forma que as atividades e avaliações são organizadas, bem como outras normativas presentes na sala de aula podem gerar uma grande exigência de alto desempenho e estimular a competição entre estudantes, que por vezes apresentam sintomas ansiosos relacionados a isso. Neste contexto, verificou-se que professores pedagogos podem contribuir muito para a redução da ansiedade em sala de aula através de práticas pedagógicas que respeitem as limitações e vivências dos alunos e os desafiem, através de uma organização do ambiente escolar diferenciada, que promova a coletividade através de gincanas, jogos e atividades entre diversos alunos, o que organiza possibilidades de procedimentos que minimizem o efeito da ansiedade na escola.

Por fim, percebe-se que os artigos analisados forneceram ideias que enriqueceram discussões relacionadas a ansiedade infantil no meio escolar, apontando para a comprovação da hipótese da pesquisa de que o ambiente escolar pode estar relacionado a ansiedade infantil através da articulação do seu cotidiano. A partir disso, foi possível ter a construção um texto pertinente que traz a análise e discussão de artigos que enriquecem a investigação de como a ansiedade infantil está disposta dentro das experiências que compõem o ambiente escolar, representando assim um trabalho que utiliza contextualizações existentes na área da educação e da psicologia, sendo relevante para educadores que buscam entender as implicações decorrentes da ansiedade no contexto educacional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, I. L. L. Isolamento social e seu impacto no desenvolvimento de crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 40, 2021.
- ANA, W. P. S.; LEMOS, G. C. Metodologia Científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 4, n. 12, 2018.
- AMARAL, M. F. do. **Os impactos da ansiedade para a aprendizagem infantil**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Psicopedagogia - Centro Universitário Internacional Uninter, Curitiba. 2020.
- AMARAL, M. F. do. Os impactos da ansiedade para a aprendizagem infantil. 2022. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/1021>. Acesso em: 23 de mar de 2023.
- ANDRADE RODRIGUES, C. F. de; DE CARVALHO, E.T. de. A importância das práticas docentes enfatizando o lúdico como estratégia metodológica de ensino. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, p. 4-16, 2021.
- APA - Associação Americana de Psiquiatria. **Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- ASBAHR, F. R. Transtornos ansiosos na infância e adolescência: aspectos clínicos e neurobiológicos. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n. 2, p. 28–34, 2004.
- BAUER, S. **Da ansiedade à depressão - da psicofarmacologia à psicoterapia Ericksoniana**. 1. ed. São Paulo: Livro Pleno, 2002.
- BORSA, J.C. O papel da escola no processo de socialização infantil. Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf>. Acesso em: 23 mar 2023.
- CASTILLO, A. R. G.; RECONDO, R.; ASBAHR, F. R.; MANFRO, G. G. Transtornos de ansiedade. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 22, p. 20-23, 2000.
- CHUIEIRE, M. S. F. Concepções sobre a avaliação escolar. **Estudos em avaliação educacional**, v. 19, n. 39, p. 49-64, 2008.
- CIPOLA, M. A.; MARTINS, V. S. **As causas de ansiedade em crianças no processo de ensino-aprendizagem**. 2020. Disponível em: <http://repositorio.unifafibe.com.br:8080/xmlui/handle/123456789/566>. Acesso em: 21 de mar. 2023.
- COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. **A transformação do Espaço Pedagógico em Espaço Clínico (A patologização da educação)**. 1. ed. São Paulo: FDE, p. 25-31, 1994.
- COSTA, E. R. da; BORUCHOVITCH, E. Compreendendo relações entre estratégias de aprendizagem e a ansiedade de alunos do ensino fundamental de Campinas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 1, p. 15-24, 2004.

COSTA, E. R. da; BORUCHOVITCH, E. Compreendendo relações entre estratégias de aprendizagem e a ansiedade de alunos do ensino fundamental de Campinas. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 17, n. 1, p. 15-24, 2004.

CRUZ, A. P. M.; ZANGROSSI, H.; GRAEFF, F. G. **Psicobiologia da Ansiedade**. 1. ed. São Paulo: Editora Y, 1995.

CUNHA, A. C.; OLIVEIRA, S. M. P. de. **Intervenção da Psicologia na Ansiedade Infantil**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.uniube.br/handle/123456789/2050>. Acesso em: 21 de mar 2023.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

D'ÁVILA, L. I., ROCHA, F. C.; RIOS, B. R. M.; PEREIRA, S. G. S.; PIRIS, Á. P. Processo patológico do transtorno de ansiedade segundo a literatura digital disponível em português-revisão integrativa. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 155-168, 2020.

DEFFAVERI, M.; MÉA, C. P. D.; FERREIRA, V. R. T. Sintomas de ansiedade e estresse em professores de educação básica. **Cadernos de Pesquisa**, v. 50, p. 813-827, 2020.

DUARTE, A. M. M.; OLIVEIRA, M. A. Controle de respostas de ansiedade em universitários em situações de exposições orais. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 6, n.2, p. 183-200, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES FILHO, A.; FERNANDES; S. R. PINTO, J. R. Marxismo e a educação: Uma perspectiva sociológica. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. vol. 5, n. 2, p. 85-101, 2019.

GUANCINO, L.; TONI C. G. de S.; BATISTA, A. P. Prevenção de Ansiedade Infantil a partir do Método *Friends*. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 25, n. 3, p. 519-531, jul./set. 2020.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, n. 1, p. 37-45, 2007.

MACHADO, A. M. **Crianças de classe especial**: efeitos do encontro da saúde com a educação. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MACHADO, A. M.; ALMEIDA, I.; SARAIVA, L. F. O. Rupturas necessárias para uma prática Inclusiva. In: **Educação Inclusiva**: experiências profissionais em psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009, p. 21-36.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MUNIZ, M.; FERNANDES, D. C. Autoconceito e ansiedade escolar: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, p. 427-436, 2016.,

PATTO, M. H. S. **Introdução à psicologia escolar**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PATTO, M. H. S. **Psicologia e ideologia**: uma introdução crítica à psicologia escolar. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

POLETTO, L.; AMORIM, V. S. ANSIEDADE INFANTIL E MODERNIDADE EM TEMPOS DE INSTABILIDADE EMOCIONAL. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 2, n. 33, p. 25-36, 2021.

SANTOS, F. M. dos. Análise de conteúdo: A visão de laurence bardin. **Revista Eletrônica de Educação**, v.6, n.1, p. 383-387, 2012.

SANTOS, H. S.; VASQUES, A. T. D.; DE AZEVEDO, G. N. Transtorno de ansiedade na infância: Alterações cognitivas e os impactos na aprendizagem escolar na terceira infância. **Psicologias em Movimento**, v. 2, n. 1, p. 105-116, 2022.

SANTOS, Janaína Borba Garbo et al. Sinais sugestivos de estresse infantil em escolares com transtorno de aprendizagem. **Revista Cefac**, v. 18, p. 854-863, 2016.

SOBRINHO, I. A. de; MADALENA, T. S. Ansiedade nos processos avaliativos. **Cadernos de Psicologia**, v. 2, n. 3, 2020.

TRAGTENBERG, M. A escola como organização complexa. **Educação & Sociedade**, v. 39, p. 183-202, 2018.

VIANNA, R. R. A. B.; CAMPOS, A. A.; LANDEIRA-FERNANDEZ, J. Transtornos de ansiedade na infância e adolescência: uma revisão. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 46-61, 2009.

VILLAS-BOAS, B. M. F. Planejamento da avaliação escolar. **Revista Pró-posições**, v. 9, n. 3, p. 19-27, 1998.